



RESUMOS > COMUNICAÇÕES  
Quarta-feira > 18/10 > 16:00-17:30  
Sala 1012

Laurici Vagner Gomes > Universidade do Estado de Minas Gerais

## **O canto como forma de comunicação filosófica em Nietzsche**

Partindo da narrativa dramática de Assim Falava Zaratustra, o objetivo da presente comunicação é discutir o canto como forma de comunicação filosófica em Nietzsche. Nessa obra, o filósofo narra como Zaratustra se torna mestre do eterno retorno depois de vivenciá-lo dramaticamente. Nesse percurso realizado pelo personagem assistimos a retomada da significatividade da lírica, do canto e do ditirambo no interior do pensamento nietzschiano. Partindo desse itinerário exploraremos o sentido envolvido na caracterização de Zaratustra como mestre cantor do eterno retorno a partir da concepção de filosofia que começa a ser arquitetada por Nietzsche nesse período de sua produção. O filósofo afirma em Além do Bem e do Mal: “Gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas[...]” (JGB/BM§6). A concepção nietzschiana de filosofia como confissão pessoal de seu autor coloca em questão justamente o tipo de comunicação que seria praticado pelo filósofo, nos convidando a pensar acerca de até que ponto é possível uma forma de comunicação pessoal, que seria capaz de expressar a hierarquia dos impulsos. Podemos observar como Nietzsche no período de elaboração de Zaratustra relaciona essa concepção de filosofia com a música. Em uma anotação privada da primavera-verão de 1883, o filósofo afirma que somente “a partir de agora se torna claro no homem que a música é uma linguagem semiológica dos afetos: e, mais tarde, apreenderemos a reconhecer o sistema dos impulsos de um músico a partir de sua música” (KSA 10

7[62]). No caminho aberto por essa perspectiva de análise podemos vislumbrar como o canto pode ser pensado como uma forma de comunicação filosófica no pensamento nietzschiano.

Márcio Benchimol Barros > Universidade Estadual Paulista (Unesp)

### **Um significado político para “O nascimento da Tragédia”?**

No “Prefácio a Richard Wagner” de “O nascimento da Tragédia”, Nietzsche defende-se antecipadamente da possível objeção de que seu escrito seria um mero exercício erudito, totalmente desvinculado da tensa situação política alemã, agravada ainda mais pela guerra franco-prussiana. Mas, diz Nietzsche, seria um erro pensar aqui, “... no contraste entre excitação patriótica e dissipação estética...”, pois seria um “problema seriamente alemão” que o escrito situaria “no centro das esperanças alemãs”. A conhecida dicotomia entre cultura e civilização no pensamento nietzscheano, tende a fazer-nos minimizar qualquer implicação política destas afirmações: engajando-se no projeto wagneriano, o autor teria em mente uma transformação restrita somente ao plano da cultura. Porém, é de se perguntar se semelhante transformação cultural, tal como é preconizada na obra, seria pensável em subsistindo as condições sociais e políticas reinantes na Alemanha do início da década de 1870. Em caso negativo, seria lícito perguntar se por ventura aquelas sérias e patrióticas esperanças alemãs teriam algo a ver também com problemas absolutamente prementes, como a grave questão social (Soziale Frage) trazida pelo tardio mas acelerado desenvolvimento da sociedade capitalista na Alemanha, o qual enseja a brutal pauperização das massas trabalhadoras, fazendo brotar a terrivelmente ameaçadora (para Nietzsche, certamente) perspectiva revolucionária, perigosamente insuflada pela eclosão da Comuna de Paris, ocorrida precisamente no ano de elaboração de “O nascimento da Tragédia”. São questões que a própria figura do destinatário do prefácio mencionado parece nos obrigar a colocar. Pois em “A arte e a revolução”, por exemplo, Wagner vincula inextricavelmente transformação cultural e revolução social, como dois lados absolutamente solidários de um mesmo processo. É à luz das teses wagnerianas presentes neste escrito,

bem como de outros textos nietzscheanos contemporâneos a “O nascimento da Tragédia”, que pretendo em meu trabalho investigar em que medida a primeira obra nietzscheana comportaria também um significado político.

Vitor Cei > Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

### **O machado e o martelo: a arte como contramovimento ao niilismo**

Esta comunicação discute as possibilidades de resistência ao niilismo apresentadas por Machado de Assis e Friedrich Nietzsche. Argumentamos que a literatura machadiana corrobora a tese nietzschiana de que a criação artística é a principal potência capaz de ser um contramovimento ao niilismo, porque a arte é o grande estimulante da vida. Quando o filósofo alemão, em um fragmento póstumo da primavera de 1888, defende “A arte como única força superior contrária a toda vontade de negação da vida, como anticristã, antibudista, antiniilista par excellence”, o escritor brasileiro, em carta de 23 de fevereiro de 1908, parece ratificá-lo: “A arte é o remédio, e o melhor deles”. Na obra de Nietzsche, os conceitos de superação (Überwindung), autossupressão (Selbstaufhebung), autossuperação (Selbstüberwindung) e transfiguração (Transfiguration) designam um movimento de inflexão no curso de um pensamento ou numa cadeia de eventos históricos, operando uma decisiva mudança de sentido. Mas não há, a rigor, uma superação do niilismo integral e acabada. A resistência ao niilismo de que se trata aqui não constitui um estado final que possa ser atingido de uma vez por todas, mas é objeto de uma atividade permanente. A rigor, não é nem mesmo um estado fundado ontológica ou fisiologicamente, mas uma perspectiva, porque a figura do niilista não pressupõe uma essência prévia ou posição estática: somos niilistas toda vez que lamentamos a ausência de sentido do mundo; somos antiniilistas toda vez que somos capazes de atravessar o niilismo, criar valores e desenvolver formas de vida em que se verifique uma plena afirmação da imanência. Defendemos que, embora o niilismo seja inevitável, ele pode e deve ser combatido. Concluimos que a arte é uma forma privilegiada de resistência ao niilismo, na medida em que desencadeia um contramovimento à vontade de nada.